



O dia em que me tornei...



# CRUZFERRENSE

Samuel Rosa

Ilustrações:  
Marcelo Pacheco



Copyright © 2008 Panda Books

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**

Assistente editorial **Tatiana Fulas**

Projeto gráfico **Daniel Kondo**  
**Flavio Peralta**

Capa **Ana Miadaira**

Diagramação **Estúdio O.L.M.**

Colaboração **André Lacerda**  
**Henrique Ribeiro**  
**Rodolfo Rodrigues**

Fotos **Acervo Jornal Estado de Minas**

Preparação **Imidio de Pina Barros Jr.**

Revisão **Telma Baeza G. Dias**  
**Cristiane Goulart**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R694d

Rosa, Samuel

O dia em que me tornei cruzeirense / Samuel Rosa. - 1.ed.  
- São Paulo : Panda Books, 2008.

1. Cruzeiro Esporte Clube - História. 2. Futebol - Torcedores  
- Minas Gerais. I. Título.

08-0888.

CDD: 796.334098151

CDU: 796.334(815.1)

---

2008

Todos os direitos reservados à  
Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br



À minha mulher Ângela, aos meus filhos Juliano, cruzeirense roxo, e Ana, atleticana, mas ainda com tempo para mudar de idéia. Aos meus pais, grandes responsáveis por minha paixão pelo Cruzeiro, e a Tostão, o verdadeiro quinto Beatle, segundo Lô Borges.

# Sumário

**O INÍCIO DO CRUZEIRO 25**

**OS TÍTULOS MUNDIAIS E NACIONAIS 30**

**OS 10 MAIS 39**

**A HISTÓRIA NOS CLÁSSICOS 60**

**OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS 70**

**CURIOSIDADES 91**







Dia em que me tornei? Como assim? Já nasci cruzeirense, ora essa. Dos mais remotos tempos, por mais que vasculhe, não consigo me lembrar de ter sentido sequer simpatia, inclinação, identificação por outro time que não fosse o Cruzeiro.

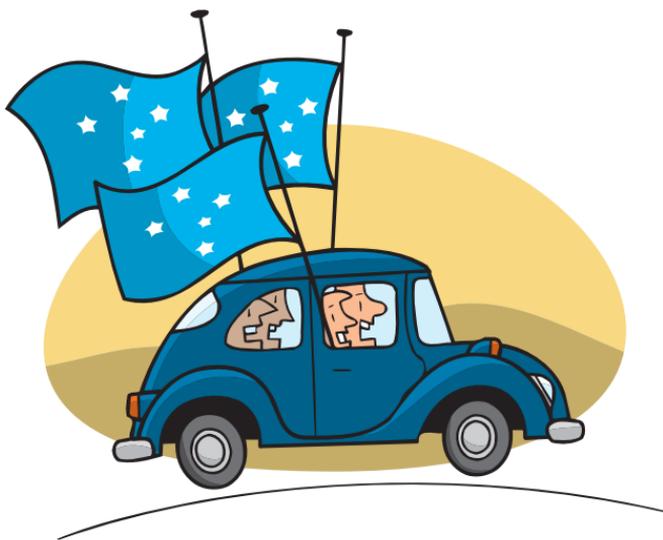
Também, pudera, vim ao mundo exatamente naquele ano, o de 1966, quando o time estrelado encantava o Brasil com um refinado futebol praticado nada mais nada

menos pelos até então ilustres desconhecidos Tostão, Dirceu Lopes, Piazza, Raul e cia., garotos em sua maioria, recém-promovidos das categorias de base do clube. O país se perguntava: que time é esse que tem o atrevimento de bater até no Santos de Pelé (6 a 2 no Mineirão, depois 3 a 2 no Pacaembu) para se tornar campeão da Taça Brasil daquele ano?

Óbvio que ainda pequenino no berço não me dava conta do tamanho da façanha do meu time (ou será que dava?). O fato é que, a partir daí, o Cruzeiro nunca mais iria deixar de ocupar posição de destaque no futebol mundial. Eita!!!

O Mineirão recém-inaugurado – imaginem vocês, àquela altura um estádio com capacidade para mais de 100 mil pessoas, em uma cidade com pouco mais que isso de habitantes – rapidamente passou a ser

a melhor e maior opção de lazer para os belo-horizontinos. Famílias inteiras se acoovelavam em fuscas e corcéis depois do almoço de domingo a caminho do “Colosso da Pampulha”, fosse para prestigiar o Cruzeiro de Tostão, o Atlético de Dadá Maravilha ou o América de Jair Bala. Comigo não foi diferente. Contei nos dedos os dias para completar 5 anos (até hoje, não



sei se essa idade mínima foi estipulada pelo juizado de menores ou foi pura arbitrariedade do meu pai) e finalmente poder ver Tostão e Natal jogarem. Lembro-me perfeitamente da sensação de, pela primeira vez, subir as escadas que levam do anel externo dos bares até a arquibancada e me deparar com aquela imensidão esmeraldina, o palco do espetáculo. Lembro-me também de pedir insistentemente a meu pai para tirar o casaco que usava sobre a camisa do Cruzeiro, que tinha o número 8 cuidadosamente costurado nas costas por minha querida (e também cruzeirense) avó, imaginando que Tostão pudesse me ver lá de baixo... Cabeceira de 5 anos, né? Eu finalmente estava ali, acompanhando o meu time, ao vivo. Confesso que, depois de tanto tempo, já nem sei mais quem era o adversário desse jogo – provavelmente um time de menor

expressão do interior de Minas, mas o que importa? O ritual de batismo já havia sido feito com louvor e o Cruzeiro, como de costume, aplicou uma sonora goleada. A essa altura, Tostão já era o “Mineirinho de Ouro”, tricampeão do mundo, mas prestes a trocar o Cruzeiro pela equipe cruzmaltina de São Januário. Pena... Veio a década de 1970 e o Time da Toca manteve-se nas cabeças graças a uma





